

*Assassinato
pela
Internet*

Romance Policial

Inácio Dantas

® **Biblioteca Nacional (São Paulo - Brasil)**



Maison
Editora



© **Copyright by**

Inácio Dantas

Vers. 2.0.3 – 04/2023

ISBN 978-15-201-2170-3

Euclides da Cunha – Bahia, Brasil.

Índice:

Prefácio	6
09 de Janeiro de 2006 - (Segunda-feira)	7
I	7
II	10
III	17
IV	23
V	25
VI	29
VII	32
VIII	39
10 de Janeiro de 2006 - (Terça-feira)	41
I	41
II	47
III	50
IV	53
V	54
VI	55
VII	65
VIII	69
IX	72
11 de Janeiro de 2006 - (Quarta-feira)	76
I	76
II	90
III	96
IV	108
V	112
VI	114
12 de Janeiro de 2006 - (Quinta-feira)	123
I	123
II	125
III	128

IV.....	134
V.....	137
VI.....	147
VII.....	150
VIII.....	153
IX.....	155
X.....	156
XI.....	162
XII.....	167
XIII.....	171
XIV.....	173
13 de Janeiro de 2006 - (Sexta-feira).....	177
I.....	177
II.....	182
III.....	186
IV.....	188
V.....	195
VI.....	196
VII.....	208
VIII.....	214
14 de Janeiro de 2006 - (Sábado).....	219
I.....	219
II.....	222
III.....	230
IV.....	235
16 de Janeiro de 2006 - (Segunda-feira).....	244
I.....	244
II.....	248
III.....	255
IV.....	258
V.....	262
VI.....	263
VII.....	265

<i>VIII</i>	268
<i>IX</i>	269
<i>X</i>	279
<i>XI</i>	284
17 de Janeiro de 2006 - (Terça-feira)	295
<i>I</i>	295
<i>II</i>	300
Relação de livros do autor:	310

Prefácio

Um engenheiro civil em difícil situação financeira, e sua sócia-secretária, possuem um escritório de engenharia num bairro classe média na cidade de São Paulo...

Ao reiniciar as atividades no início do ano, depois das festas de natal e ano novo, ele acessou seus e-mails e, ao se deparar com um e-mail que acidentalmente entrou em sua caixa-postal o respondeu em tom de brincadeira. E esse e-mail será o nascedouro de todos os seus problemas...

Ocorre que quem escreveu o e-mail é uma empresária destacada no setor industrial, e-mail este endereçado ao seu amante, pois ela é casada... O engenheiro respondeu, numa brincadeira irresponsável, acreditando ser um ato banal, e que daquilo não decorreria problemas. Porém, ao responder, estabeleceu um vínculo com a empresária, a qual entendeu estar contatando com seu amado...

Quando ele percebeu que estava sendo interpretado como alguém que não era, quis redimir-se e responder desculpando-se, porém era tarde de mais... Ele respondera o último email recebido avisando que o pouso do avião da empresária, procedente do Rio de Janeiro, não seria em Congonhas e sim em Cumbica...

E aí desenrola-se toda a trama com o encontro do engenheiro com a empresária, ocasião em que ele é observado por “alguém” que também sabia que ela desembarcaria naquele dia, hora e naquele aeroporto...

O Autor

09 de Janeiro de 2006 - (Segunda-feira)

I

Paulo entrou no seu escritório, acendeu as luminárias e, no seu ritual diário ligou o computador. Enquanto o equipamento inicializava o sistema operacional, para arejar o ambiente ele subiu as persianas e abriu a janela da sala que dava vista para a avenida Campo Alto. Uma brisa matinal bafejou, circulou no espaço e renovou o ar denso e abafado das últimas semanas. Desde a véspera do Natal ali estivera fechado. Terminadas as festas, e o período de descanso, agora era hora de retomar os trabalhos.

O relógio da sala marcava exatos 8:00h, horário de verão.

Do segundo andar do prédio podia-se ver, lá fora, uma cidade que ainda respirava o aroma festivo da “virada de ano”. A avenida, esquinas e semáforos, mantinham-se ornamentadas

com trenós, renas e papais-noéis de isopor pintados em vermelho-encarnado e gigantescas estrelas revestidas em papel alumínio. No chão negro do asfalto, pequenas nuvens brancas de papel picado erguiam-se em redemoinho e se dispersavam ao sopro do vento matinal. Os veículos, transitando em “primeira” marcha, congestionavam-se no meio fio da avenida e os transeuntes, apressados, se deslocavam nas calçadas, rumo aos seus trabalhos. Contrastando com a indolência dos últimos dias, a vida agitada retornava à cidade. As lojas em frente, ainda sonolentas, uma a uma abriam suas portas e reativavam seus negócios. Na praça frontal ao escritório, crianças num alarido corriam no gramado embalando a linha de uma pipa, onde no papel verde levava aos céus a esperança de um ano bom. Era uma manhã clara e ensolarada. O ar, purificado pelo ano novo que chegara, trazia o prenúncio de mais um dia de verão com alta nos ponteiros dos termômetros. Chuva? Estava um clima tão seco que precisaria chover o dobro do habitual para revitalizar o solo e recompor a natureza ao seu estágio normal. No entanto, as previsões não davam conta de precipitações pluviométricas nas próximas vinte e quatro horas; não havia nuvens, o céu estava límpido, azul-anil.

Nesse momento Estela, secretária do escritório, chegara. Enfiou o rosto pela porta entreaberta, que se iluminou pelo raiar do sol que refletiu pela janela, e cumprimentou com um sorriso faiscante nos lábios:

-Bom dia Paulo!

-Bom dia Estela. Tudo bem? Como foi de Natal e Ano Novo?

-Foi maravilhoso! O ano de 2006 começou em altoastral! – Novamente abriu um sorriso, quase infantil, clareado pela luz da alegria, ostentando uma aliança no dedo anelar da mão direita. – Fiquei noiva ontem!

Paulo, ao ver que o motivo de todo aquele contentamento era referendado pela aliança, felicitou-a com entusiasmo:

-Parabéns, Estela. Desejo a você e ao seu noivo eternas felicidades. E que um pouco dessa boa energia se irradie aqui na empresa. Aliás, estamos precisando! – Sorriu também, admirando aquela negra lindíssima, de gestos refinados, querendo compartilhar daquele contentamento, embora ciente de que vivia um momento de desafios. –

Estela, com uma aura venturosa, retirou-se e se dirigiu à sua sala. Passou percorrendo com os olhos a acanhada sala de recepção, onde havia um pequeno sofá num canto, e ao lado, sobre uma mesinha, uma árvore de natal com bolas multicoloridas, fitas, e cartões de boas festas a enfeitá-la. Levava no olhar um contraste com os festejos do dia anterior, pois a semana lhe começava espinhosa. Além da prancheta de projetos, da qual era exímia desenhista, deveria preparar o expediente do dia. E ali se acumulara mais de duas semanas de trabalho... O volume de correspondências que retirara na caixa dos correios do prédio definia bem a tônica das suas responsabilidades. Paulo, por sua vez, acomodou-se

confortavelmente na cadeira, ajeitou o mouse e o teclado do computador e começou a acessar os *sites* de notícias. Como de hábito, iniciava suas atividades diárias primeiramente se atualizando com as notícias do mercado de engenharia e construção. Como se ausentara nos últimos dias, estava ávido para saber o que ditavam os rumos da economia. Mormente com o início oficial do novo ano. De início navegou pelo seu próprio *site* para ver o gráfico do fluxo de clientes nos últimos dias, e, ao mesmo tempo abriu o Explorer® e “baixou” os e-mails...

II

O escritório da “Santos & Marcondes – Engenharia Ltda.” ficava no Edifício Celêntula, uma construção robusta, trigenária. Dentro dos objetivos societários, a empresa atuava na prestação de serviços de engenharia e construção civil. Estela Marcondes, engenheira civil e também secretária, era sócia com um pequeno percentual de participação no capital social. Embora recém-formada, era capaz de desenvolver a planta de um prédio com todo requinte e segurança, em nível de um profissional veterano.

Sediados naquela edificação antiga, por razões de economia de aluguel, condomínio e impostos, tinham boas instalações, embora humildes. As paredes, de pintura branca, encontravam-se esmaecidas pela ação do tempo, e o piso, de cerâmica antiga,

mostrava-se desgastado pelo uso. Móveis, utensílios, equipamentos de informática, eram modernos, acompanhando a exigência de mercado. Era um escritório típico daqueles profissionais que estavam edificando a escada da vida, mas que ainda se encontravam cimentando os primeiros degraus. Como o espaço físico do imóvel tinha uma área razoável, dividiram-na em duas salas com uma divisória de madeira e vidros “verdes” até o teto.

Estabeleceram-se ali há quase dois anos. E, apesar do honroso diploma afixado num quadro na parede da recepção, e da larga experiência daquele profissional de quarenta e cinco anos, os negócios nos últimos seis meses não prosperavam. Aquele diploma, e o registro no CREA, era uma insígnia para abrir portas no mercado de construções; porém, para ele, não se efetivara de forma superlativa. Enquanto a cidade crescia e explodia verticalmente, com sucessivos empreendimentos sendo lançados a todo o momento, ele girava em círculos, amassando o barro da mesmice. Não por incapacidade, afinal era um *expert* e tinha boa estrutura organizacional, mas as coisas estavam travadas e faltava um *start* para entrar nos eixos. Aliás, imputar a razão às contingências da atividade, sem dúvida seria o mais ponderável. Viviam, assim, de alguns pequenos e médios trabalhos, sempre na expectativa de um contrato vultoso - talvez alguma incorporação imobiliária que pudesse alavancar de vez a empresa.

Mas, enfim era ano novo! E toda vez que se abre um novo ano no calendário universal as coisas, por si só, tendem a

renovar-se, como um sangue novo que passa a jorrar e circular nas artérias do corpo dando novo alento ao ser humano – no caso, à economia. A agenda do escritório, do ano que se encerrava, deveria ser sepultada: guardava mais páginas em rascunho do que anotações importantes. Por certo ela não deixaria saudades. Doravante os negócios deveriam ser como as velas de uma jangada, abertas aos novos ventos da economia que sopravam fortes e levariam a embarcação – e seus ocupantes – à ilha da prosperidade. Paulo era o jangadeiro, a bússola do sucesso estava em suas mãos e a sorte fora lançada.

Ao navegar no seu próprio *site*, porém, viu com desânimo que o fluxo de visitas fôra baixíssimo; aliás, contando-se ali o dele próprio... Quanto às notícias nos jornais on-line? Nenhuma novidade. Somente recorrentes problemas na área de segurança, economia e, sobretudo, na política.

Nesse instante começou a ler os e-mails. Doze, ele pôde contar: três de negócios, relativos a obras de seus clientes, oito “spam” desejando “feliz Natal e Próspero Ano Novo”, e um e-mail de uma pessoa desconhecida. Nenhuma mensagem nova, de alguém querendo os préstimos do seu trabalho, nem mesmo para um reles orçamento. Abrir o ano com um bom orçamento de obras, era a sua expectativa – frustrada. Resignado, sempre com o pensamento positivo de que poderia superar aquele momento difícil, afinal o ano de “2006” apenas se iniciava, abriu o e-mail desconhecido.

Era de uma mulher, de um endereço eletrônico não cadastrado, que trazia a seguinte mensagem:

(Data: 09/01/06 – 8:05h)

De: sandraluiza@dubloquini.com

Para: paulo_silva_santos@network.com

Assunto: Viagem

Oi Paulo querido, bom dia.

Não esqueça que estarei voltando amanhã cedo.

Chegarei às 10:00h.

Me espere no hotel de sempre.

Te amo. Estou morrendo de saudades.

Um beijo com amor

Sandra

Ao findar a leitura do e-mail se surpreendeu com o teor das palavras. Girou o corpo na cadeira e olhou para a secretária através das divisórias de vidro para certificar-se que ela não o observava. Ela, em suas atribuições, estava concentrada no que fazia. Voltou, então, o olhar, e fixou-o no texto do monitor. Conferiu de quem procedia o e-mail e se perguntou, admirado e sem respostas:

- Sandra?! Afinal, quem é essa mulher?! Nunca tive nenhum envolvimento com alguém com esse nome...!

Apesar de ser livre, pois ficara viúvo há três anos, tivera algumas mulheres nesses últimos tempos, mas com certeza ninguém como esse nome; e se tivesse se lembraria. Além do mais, não poderia garantir a si mesmo ter ou não se relacionado com alguma mulher que pudesse ter mentido o próprio nome; isso era uma possibilidade que não poderia descartar.

Com os olhos congelados na mensagem, ficou por alguns instantes a se questionar sobre aquele inusitado acontecimento, sem encontrar, porém, explicação plausível. Entretanto, ao ler com mais atenção o destinatário, percebeu que poderia haver um engano por inversão de letras, palavras ou até no hífen do nome. A seu ver, aquele engano estava evidente: tratava-se, sem dúvida, de um erro de digitação.

-Sim, porque em informática, seja um espaço vazio, um ponto, uma letra maiúscula ou minúscula, são caracteres que podem representar a diferença entre o “ser” e o “não ser”. – filosofou para si mesmo. -

E ali evidentemente não fora diferente. Como a provedora dos e-mails deveria ter milhares de assinantes, muito certamente existia alguém com um nome similar ao seu, talvez até um homônimo. Concluiu tratar-se, portanto, de um ato involuntário do emissor do e-mail, visto que ele nunca usava o endereço eletrônico comercial, que era o caso, e sim o particular para se comunicar com pessoas do seu círculo íntimo de amizade.

Assim, com o espírito folgazão, entendendo que fazer uma brincadeira sem maldade e que daquele gesto não brotaria maiores consequências, afinal não conhecia a pessoa nem ela o conhecia, replicou o e-mail respondendo nesses termos:

(Data: 09/01/06 – 8:10h)

De: paulo_silva_santos@network.com

Para: sandraluiza@dubloquini.com

Assunto: Re: Viagem

Oi Sandra querida.

Eu também estou morrendo de saudades.

Não vejo a hora de me encontrar com você.

Faça boa viagem.

Também a amo e outro beijo com amor.

Do seu

Paulo

Digitadas essas palavras, pressionou “enter” no teclado e gargalhou enquanto acompanhava o e-mail ser remetido...

Estava ali um empresário, numa tórrida manhã de verão, flertando com uma mulher “virtual”, que retornaria de viagem do Rio de Janeiro para São Paulo no dia seguinte. Não a conhecia; por ela não era conhecido. Fora, assim, um gesto *sui-generis*, algo fortuito. Não era praxe, quando em sua navegação na grande rede, desperdiçar tempo de trabalho com *chats*,

brincadeiras ou coisas fúteis. Fora sua primeira vez. Justificou-se, então...

-Ora, quantas brincadeiras inconsequentes não “rolam” pela Internet? Há mais futilidades do que coisas sérias circulando por aí. Não sou o primeiro, não serei o último. Assim como veio uma mensagem sem nexos para mim, também a devolvi para quem a enviou...

Sim, ele fizera um gesto pequeno para a grandeza do profissional que era. Se era para espairer, existia opções melhores. E comentou sem muita certeza:

-Muito provavelmente o verdadeiro Paulo estará a esperá-la, porque de alguma forma ele já deve estar sabendo, uma vez que poderiam ter se contactado por telefone...

Não obstante o desconhecimento entre ele e a remetente do e-mail, como esta o enviara pensando que o fizera para um determinado “Paulo”, ao responder ele passou, então, para todos os efeitos, na leitura que ela fazia daquele e-mail, que quem lhe respondera fora a pessoa que pensava ser...

Por fim, alheio a quaisquer senões, rindo por dentro, achando que fizera um gracejo banal, sem palavras chulas, ofensas ou descortesias, deu sequência aos seus afazeres. Respondeu os e-mails dos demais clientes, deletou os “spam” e voltou-se à mesa de trabalho; abriu a agenda de compromissos e finalmente começou o dia.

III

*E*ram 10:05h quando Estela entrou na sala do Paulo e lhe serviu um cafezinho. Junto, ela entregou uma pasta contendo plantas, relatórios das obras em andamento, notas fiscais, extratos bancários e duplicatas para serem pagas naquele dia. Ele pegou a xícara e enquanto bebericava o café abriu a pasta e avaliou o conteúdo. Ao se deparar com o total dos compromissos a pagar perguntou surpreso:

-Estela, você tem certeza que está correto esse total?

-Sim, Paulo, tenho certeza. Mas, veja anexo o relatório bancário dos recebimentos: os clientes pagaram em dia e os créditos superaram os débitos...

-Felizmente, felizmente...

Ele fez uma expressão de alento quando viu que as contas “fechavam”. Conformou-se com aquela situação, que não era das melhores, entendendo, no entanto, ser um momento passageiro. E refletiu, para confortar-se por dentro: “que pequeno empresário nesse Brasil afora, hoje em dia, não enfrenta um aperto financeiro?”. Vislumbrava, com os óculos da esperança, alcançar brevemente um futuro mais próspero. E não

media esforços para tal. “Embora às vezes a prosperidade seja como a linha do horizonte, que, quanto mais caminhamos na sua direção tentando alcançá-la, cada vez a vemos mais longe, temos de continuar nossa infinita caminhada”, concluiu com a crença de que aquelas palavras eram um êmbolo a impulsioná-lo rumo a esse horizonte, sem jamais fraquejar ou desistir.

Terminou o café, conferiu e assinou o cheque com o total dos pagamentos e o devolveu para que providenciasse a quitação dos títulos no banco. Estela pegou a pasta, disse mais algumas palavras e saiu. Em seguida Paulo pôs-se a analisar os demais documentos, as planilhas de custos, a folha de pagamento do pessoal nos canteiros de obras... Ao analisar a planta, desenhada e assinada por Estela, abriu os braços externando admiração, dada à exímia do trabalho, e murmurou satisfeito:

-Belo trabalho, belo trabalho. É, as coisas parecem que estão dando pequenos, mas vigorosos sinais de melhora. Se Deus quiser daqui pra frente bons negócios irão surgir!

Neste ato sua atenção é interrompida pelo *bip* do computador avisando a chegada de um novo e-mail. Abriu-o e leu a mensagem que dizia:

(Data: 09/01/06 – 10:10h)

De: sandraluiza@dubloquini.com

Para: paulo_silva_santos@network.com

Assunto: Re: Re: Viagem

*Oi Paulo querido.
Quero muito sua presença, sem falta.
Já sei “aquele” resultado. Precisamos colocar
“nossas coisas em dia”, e tenho uma
grande novidade!
Beijos com amor.
Sandra*

Paulo leu esse novo e-mail, retraiu o semblante, agora de uma forma preocupada, e deixou escapar entre os lábios:

-Será que ela acredita que eu sou quem ela pensa? Se isso ocorreu a brincadeira ficou séria... O melhor que eu tenho a fazer é esquecer tudo, urgente. Vou deletar esses e-mails antes que isso se transforme em algo perigoso!

Enquanto arrastava o *mouse* para deletar os e-mails pensou melhor e decidiu verificar na Internet quem eram os Dubloquini. Quem sabe, num melhor juízo, poderia encontrar alguma informação sobre essa pessoa, ou família, que clareasse suas ideias e iluminasse as decisões que iria tomar. Não queria ver transformado aquela brincadeira irresponsável em ofensa, ferir sentimentos alheios e iniciar polêmica com alguém desconhecido. Tinha seus próprios problemas a administrar e nessa altura da vida criar mais um seria uma catástrofe.

É certo que todo homem tem dentro de si um instinto aventureiro, desafiador; e com ele não era diferente. Assim,

instigado pela curiosidade, quem sabe a encontrando na Internet poderia levar avante o contato e talvez até os dois viessem a se conhecer, nem que fosse para esclarecer os fatos e pedir desculpas por ter agido de maneira inconsequente, livrando-se, assim, de qualquer processo de “falsidade ideológica”, deu prosseguimento à pesquisa.

Ao digitar no *browse*, no buscador *Google*, o sobrenome “Dubloquini”, no exato instante surgiu o endereço www.dubloquini.com. Esta era a *web-page* das Indústrias Dubloquini, um poderoso complexo industrial localizado no interior Minas Gerais, com sede em São Paulo, na avenida Berrini.

Na página da indústria constava todo o histórico, fotos das instalações físicas e os produtos de siderurgia fabricados – muitos deles destinados à exportação -. Na composição do quadro social havia uma foto com todos os sócios; entre eles Sandra, identificada ao lado do marido e demais sócios.

Ao ver a foto daquela mulher de aproximadamente quarenta anos, cabelos loiros de um ouro-vivo, estatura média, admirou-se da sua beleza e jovialidade. Segundo as informações que constavam no *portal*, ela era a segunda na hierarquia de comando. Ao mesmo tempo, não entendeu por que houve o envio dos e-mails para a sua caixa postal, uma vez que na foto ela estava ao lado do marido, Ralph Dubloquini...

Ele sentiu o sangue ferver e o coração bater mais forte. Ficou pasmo, com os escaninhos da mente borbulhando lavas de reflexões. Girou a cadeira em trezentos e sessenta graus com os olhos fixos num ponto imaginário do teto da sala procurando entender... E murmurou num som abafado:

-Há algo estranho no comportamento dessa mulher, talvez até uma vida marginal, afinal ela é casada. Em vez de endereçar o e-mail para o marido o fez para algum “Paulo”, que coincidentemente caiu na minha caixa postal, e que obviamente não sou eu. As palavras que ela expressa na mensagem, “já tenho aquele resultado”, “precisamos colocar nossas coisas em dia” e “tenho uma grande novidade” denotam, inequivocamente, coisas de foro íntimo, segredos entre os dois. Ora, que direito tenho eu de entrar numa seara que não me pertence? Agora tudo ficou claríssimo para mim. A frase de despedida “beijos com amor” insinua um carinho, ternura, cumplicidade. Isso faz confirmar as minhas dúvidas: ela enviou para o amante!

Era inequívoca aquela conclusão de Paulo.

Sandra, ao digitar o endereço do “outro” Paulo, traída pela memória, positivamente errara de sorte que o destinatário fora diferente do que ela desejava. E ele, ao responder a mensagem, estabelecera um vínculo; agora ambos tinham os endereços eletrônicos um do outro. Embora ele não fosse o real destinatário, a partir de agora seus dados estavam armazenados no provedor de e-mails dela. Por conseguinte, seria fácil, amanhã ou depois, ela descobrir quem se passara por seu

amante... Ao descortinar essa possibilidade ele se retraiu na cadeira, inspirou fundo e premuniu:

-Não acredito na tremenda besteira que eu fiz. Se eu não tinha grandes problemas, com certeza agora eles vão começar!.

Intrigado com aquela indesejável “coincidência”, que na verdade fora uma mera casualidade, perguntou-se pondo em dúvida sua inteligência:

-Ora, será que eu fui “premiado”, que só aconteceu comigo? Fui escolhido ou o quê?

Com essa ideia lhe martelando a cabeça, decidiu-se prospectar novas *web-pages* na Internet que tivessem FAQs (Páginas de perguntas e respostas de dúvidas dos internautas) de falhas ocorridas na “rede mundial”. E encontrou uma matéria que o deixou instigado. A matéria dizia:

Qual o internauta que nunca recebeu um e-mail de alguém desconhecido contendo mensagens particulares ou programas com ‘vírus’?

Quem?

Se houver alguém que atire o primeiro *mouse*!

São milhões e milhões de e-mails transitando de forma frenética na ‘grande teia’, congestionando e entupindo os

servidores das provedoras. E um desses e-mails pode, a qualquer momento, por um erro inexplicável, aterrizar na sua caixa postal.

E se isso ocorrer, não se assuste; você não será o primeiro nem será o último. Mas, não o acesse, não o “abra” nem responda. Ao fazê-lo, você se tornará refém...

São milhares de e-mails, por erros ou envio proposital, circulando todos os dias, por todo o mundo, e nada e ninguém pode afirmar categoricamente que vão acabar.

Cuidado. Alguns podem ter programas com conteúdo perigoso!

Ao ler a orientação “não o acesse, não o abra nem responda”, ele se deu conta que cometera um erro elementar. E aí o perigo teria o nascedouro... Perpetrar erros pelo justo enfrentamento das adversidades da vida era até aceitável, visto ser algo inerente ao ser humano. Porém, no caso dele, provocar o erro e depois ter de correr atrás para corrigi-lo, era como ter mexido no ovo da serpente...

IV

Campo Alto é um bairro de classe média com todos os requintes de classe alta.

Localizado na zona sul de São Paulo, é uma região de alta concentração demográfica para sua pequena extensão territorial.

Na sua parte central fica estabelecido o forte do setor comercial. Numa área nobre, geograficamente bem distribuída, instalou-se uma gama diversificada de lojas comerciais de todos os segmentos.

O bairro é altamente arborizado, de bom nível econômico-social, e faz divisa com importantes bairros como Suzanópolis, Vila dos Manguezais, Ituperanga, entre outros.

Nos registros de ocorrências da polícia consta que o bairro, apesar da ativa vida noturna, é tranquilo, visto que possui uma população ordeira e contabiliza baixa taxa de criminalidade.

Sua avenida principal, que praticamente divide o bairro em norte e sul, é a avenida Campo Alto. Ela é cortada pela avenida Flores Eternas, onde por toda a extensão se ergue um jardim majestoso, inebriando o ar com uma mistura de essência de perfumes que emanam das flores, e com um revoar de pássaros e pétalas multicores que embelezam os canteiros. Conta ainda com parques e bosques aprazíveis, bem cuidados, e com a sombra generosa de imponentes árvores centenárias.

A delegacia do bairro, décimo-sétimo distrito policial, é um prédio de dois andares que se localiza na parte norte, derivando para a região central. No outro extremo, logo no início da parte sul, a região mais alta, é onde se localiza o escritório de “Santos & Marcondes Engenharia”, escritório de Paulo e Estela. Bem próximo dali, na avenida Flores Eternas, o escritório do *outro* Paulo...

V

Sandra Luíza Dubloquini era uma empresária bem sucedida. Sócia das empresas do marido, Grupo Industrial Dubloquini, detinha vinte por cento de cotas do capital da *holding*, algo que representava alguns milhões de reais.

Casada há vinte anos, era mãe de uma jovem de dezenove anos que estudava na Europa e residia na casa de parentes: Karen. Ela cursava medicina na Itália e brevemente iria retornar ao Brasil para gozar as férias com os pais.

Ralph Dubloquini, pai da menina e marido de Sandra, tinha trinta e um por cento do capital social, de forma que o casal tinha pleno controle acionário das empresas. Os restantes quarenta e nove por cento estavam divididos entre os outros

quatro sócios, que por sua vez exerciam cargos na diretoria administrativa, financeira, industrial e relações externas.

Ralph e Sandra, Presidente e Vice-presidente, controlavam os destinos do grupo com sabedoria, e mãos de ferro, sempre atentos às oscilações da demanda no mercado nacional e internacional. Sob sua administração as empresas cresceram a taxas crescentes nos últimos anos, ganhando ótima saúde financeira, vendendo para o mercado interno e exportando para países da América do Norte, Europa, África e Ásia.

Os negócios progrediam como um barco em mar aberto, vento em popa. Mas, a vida amorosa do casal não acompanhava esse progresso. Viviam uma ruptura sentimental, embora não declarada. O diálogo entre ambos era ríspido, mormente quando se tratava de afetuosidade. Quanto aos negócios, eram ambiciosos e aí o entendimento se coadunava. Entretanto, como o amor andava frio, a intolerância rondava o lar do casal.

Sandra não aceitava certos comportamentos do marido. Recriminava suas viagens constantes para “fechar contratos de negócios pelo país e no exterior”, ocasiões em que passava vários fins de semana fora de casa. Essas saídas eram, também, subterfúgios para assuntos que não se relacionavam ao trabalho...

Ela desconfiava que ele tinha outro alguém. E realmente tinha...

Por se sentir mal amada e desprezada, ela se transformara, como todas as mulheres que têm a chama do desprezo queimando dentro de si. E dessa transformação, se fosse tirado um raio-x da sua alma, sem dúvida seria revelado uma ferida que se abria nos últimos meses e que agora se cauterizara pelo sofrimento. Destarte, movida pelo anseio de vingança, pois também queria se sentir amada e desejada, encontrara alguém para acalantar sua solidão. Era um homem com quem se completava nos momentos de ausência do marido, e com quem dividia intimidades... Seu nome? Dr. Paulo. Um advogado bem sucedido, estabelecido num escritório no bairro de Campo Alto, São Paulo.

Essa vida dupla que levava era-lhe um nascedouro de problemas. Já lhe custara, além de reiterados desentendimentos, brigas homéricas com o marido. Ele também desconfiava que ela lhe “dava o troco”. Quando ela viajava para o Rio de Janeiro, à casa dos pais, não era somente a mala de viagem que levava consigo... Na cabeça dele havia outro homem a partilhar a vida da esposa - e essa possibilidade o atormentava.

Ralph se sentia no direito de ter outro “alguém”. Mas não aceitava que ela tivesse. Se ele não agia com lisura nos seus compromissos matrimoniais, como exigir que ela não tivesse seus deslizes? Entre os dois, como um cobrar o amor que o outro não dava? Mas o epicentro dos problemas era gerado pelo fato dela ser sócia da empresa, detentora de uma fatia expressiva do capital. Cioso do seu patrimônio, ele não queria correr o risco

de enfrentar uma separação e ela dar essa fatia a alguém que nada fizera em prol das empresas.

Esse pensamento quando lhe afluía à mente o martirizava.

Ele trabalhara duro, dera a melhor parte da sua vida para chegar ao patamar que agora se encontrava. Era inquestionável que ela trabalhara junto e tinha os seus méritos. Mas ele não pretendia descer degraus das suas conquistas e, de novo, ter os pés no lodaçal das dificuldades. Por isso, aceitar que alguém entrasse na vida dos dois e dividi-los, e conseqüentemente dividir os rumos da empresa, era algo que ele jamais aceitaria. Nem morto.

Tudo isso ela sabia, sobejamente.

Em contrapartida, ela, quando entre amigas costumava dizer que “todo homem de sucesso exerce um fascínio no meio social e, qual um imã, atrai todo tipo de pessoas, inclusive as aproveitadoras...”. Nas entrelinhas dava a entender que poderia haver uma aproveitadora na vida do marido. É certo que, na realidade, ela tinha noção que a preocupação que ele lhe dedicava para não fraquejar no controle das suas posses, da mesma forma ela dedicava a ele. Sobre esse prisma os dois se coadunavam perfeitamente.

Mas as cotas da sociedade eram sempre tema de desavenças. Algumas acirradas. Inclusive, numa dessas ocasiões ele lhe ofertara um valor bem acima do mercado para comprá-las. Com

essa venda ela se retiraria da vice-presidência e se dedicaria a trabalhos sociais. Ela recusara com veemência. Sabia do alcance daquela proposta e das reais intenções do marido: o controle total, o monopólio das empresas, relegando-a às tarefas do lar, minando seu poder de decisão e ficando “nas mãos” dele. Brigaram agressivamente nesse dia.

Ameaças veladas da parte dele começaram a aflorar. Ela, receosa, passou a ter mais cuidado com o que lhe falava e principalmente com as atitudes que tomava. Assinar documentos? Mesmo com o timbre da empresa, lia a relia duas vezes. Não poderia vacilar, pois quem garantiria que ele não lhe fizesse uma armadilha para expropriá-la das cotas societárias?

Prevenida para não ter suspeições sobre sua conduta íntima, e de repente ter de responder a algum processo, combinara com o amante manter contatos somente através de e-mail, com uma senha secreta. Telefone? Usá-lo unicamente fora de casa e em caso de extrema necessidade.

Todo cuidado era pouco...

VI

Ralph Dubloquini, cinquenta e dois anos, era economista e empresário com larga experiência no ramo de mineração e siderurgia. Estava, ali, um expoente no segmento da indústria da mineração nacional. Proeminente empreendedor, acreditava nos seus instintos, no seu tino apurado para descortinar bons negócios. Segundo sua filosofia, “os lucros emitem um odor agradável; o perfume dos cifrões!”. Para corroborar esse tino comercial, seus concorrentes afirmavam que ele era um Midas, “onde havia minério e ele punha as mãos, transformava-se em ouro”. Quando em palestras e entrevistas, a mídia fazia uma cobertura ampla. Era reverenciado pelos sócios, amigos, e por todo o ciclo empresarial.

Seus conceitos e sua visão para os negócios o fizeram alcançar o ápice do sucesso. Tudo começara quando adquirira uma pequena fábrica, em processo decadente e falimentar, e em pouco tempo a ressuscitou e a transformou em potência. Com um pulso forte na administração, renovou o maquinário, contratou profissionais capacitados e em um ano triplicou a produção e vendas. Ao lado de Sandra passaram a gerenciar com técnica e inteligência. Como resultado desse árduo e ininterrupto trabalho, viu os lucros jorrarem em progressão geométrica. Dali brotou mais duas empresas “satélites” que se completaram produzindo uma gama de produtos que se espalhou pelo país e o exterior.

Apesar de toda essa competência para os negócios, para a vida sentimental colecionara sucessivos fracassos. Somente após

o casamento com Sandra é que renascera sua vida e recriara nele um novo ser, afinal o amor é um elixir que fortalece frágeis sentimentos. Desse casamento tiveram uma filha, e em busca do melhor para ela, proporcionavam-lhe estudo fora do país; estava se formando na Europa.

No entanto, essa dedicação lapídea para amealhar riqueza e sucesso, essa incessante busca pelas conquistas no mundo material, o fizera se esquecer de si mesmo e da mulher maravilhosa que estava ao seu lado.

Trabalhava mais que o necessário. Chegava ao ponto de assumir uma carga horária superior à de seus empregados; entrava primeiro, saía por último.

Fisicamente se descuidara do corpo e ganhara peso excessivo para o seu metro e setenta de altura; já ultrapassava os cento e dez quilos. Esse descuido lhe trouxe dissabores. Afetou sua tolerância, seu humor e principalmente sua saúde. Era mais uma razão para brigas e destemperanças no casal. Enquanto ele via em Sandra uma mulher exuberante, com a autoestima nas nuvens, via em si alguém de muito dinheiro e pouco valor-próprio. E, ironicamente, ele dava de ombros quando ela lhe dizia:

-Ralph, você tem que se cuidar. Veja o tamanho da sua barriga! – E apontava com o indicador o volume sob a camisa...
- Mulher não gosta de homem obeso!